O SERTÃO BAIANO ATRAVÉS DE SEU PATRIMÔNIO DOCUMENTAL: EDIÇÕES FILOLÓGICAS DE TESTAMENTOS DA FAMÍLIA FRÓES DA MOTTA DE FEIRA DE SANTANA

Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto (USP/UEFS)
nilce11.barreto@gmail.com

RESUMO

A filologia é concebida como a ciência do texto escrito desde o século III a. C. quando os estudiosos da língua começaram a se reunir e realizar edições dos textos de Homero na Antiga Biblioteca de Alexandria, no Egito. Desde então, o trabalho do filólogo se caracteriza como a atividade de fixar, comentar e interpretar textos representativos de determinado período histórico, o que possibilita a "perpetuação" das informações contidas naqueles. Dito isto e partindo dos pressupostos teórico-metodológicos adotados pela filologia moderna, apresentaremos, neste trabalho, as edições fac-similar (fotografia digital do documento, a qual permite a reprodução fiel daquele) e a semidiplomática (transcrição *ipsis litteris* de todas as informações constantes no texto, interferindo apenas no que concerne ao desdobramento de abreviaturas, e união das palavras separadas e separação das palavras unidas, com a finalidade de facilitar a leitura do texto para o público em geral) do Testamento de Dona Maximiana de Almeida Motta, matriarca da influente família Fróes da Motta, na cidade de Feira de Santana – BA, no início do século XX. Também é importante ressaltar que o referido *corpus* possui 9 fólios, escritos no recto e no verso, em tinta preta, localizada na estante 06, caixa 166 e documento 2569 no Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOC), na Universidade Estadual de Feira de Santana – BA. Portanto, apresentaremos tanto as edições semidiplomática e fac-similar, quanto os aspectos codicológicos do referido corpus, no que se refere à existência ou não de selos, carimbos, manchas, borrões, tipo de escrita, intervenção ou não de terceiros etc.

Palavras-chave: Patrimônio documental. Edição filológica. Família Fróes da Motta.

1. Para começar o nosso diálogo...

Incontestavelmente, a filologia é a ciência que anda de "mãos dadas" com a história, as culturas e as sociedades atuais e/ou pretéritas. Ao se falar em textos escritos, objeto de estudo da filologia, somos levados à perscrutar os arquivos públicos e/ou privados em busca de salvaguardar todo o patrimônio documental de uma dada sociedade, de uma família ou uma pessoa em particular. Assim, o fazer filológico vai-se consolidando como uma atividade indispensável às pesquisas linguísticas, antropológicas, históricas, geográficas, biológicas etc. já que todo documento carrega

consigo uma ou várias histórias que merecem ser preservadas das ações do tempo e contadas às gerações posteriores à nossa.

Dito isto, lançamos mão do aparato teórico-metodológico disponibilizado pela crítica textual, com o objetivo de trazer à tona edições de textos confiáveis aos diversos interesses de pesquisadores. Com isso, editar filologicamente um texto significa oferecer a um determinado público um material preparado minuciosamente para atender às demandas de pesquisas que versem sobre a língua, a história do homem, os espaços urbanos e até sobre a existência de patologias existentes em épocas pretéritas. Assim, nos documentos, são encontradas informações importantíssimas sobre os lugares e as pessoas envolvidas em cada documento de uma determinada época, o que pode, consequentemente, revelar o *modus vivendi* e o *modus operandi* das populações, de modo geral.

Partindo desse pressuposto, apresentamos, a seguir, o testamento de Dona Maximiana de Almeida Motta, matriarca da família Fróes da Motta, de Feira de Santana – Ba, pertencente ao acervo do Centro de Documentação e Pesquisa, doravante CEDOC, localizado na Universidade Estadual de Feira de Santana – BA. Neste manuscrito de domínio público, datado de 1918, são descritos todos os bens adquiridos e inventariados no testamento da referida senhora, que foi esposa, por mais de 40 anos, do intendente da cidade de Feira de Santana no início do século XX, o Coronel Agostinho Fróes da Motta, pessoa influente político e socialmente no período em questão.

Partindo disso, organizamos este trabalho em quatro seções, que tratarão dos testamentos da família Fróes da Motta, disponíveis no CEDOC, mais especificamente do de Dona Maximiana de Almeida Motta, do levantamento de alguns aspectos codicológicos constantes nos documentos, dos critérios filológicos adotados para a descrição e a transcrição do *corpus*, bem como da disposição justalinear das edições fac-similar e semidiplomática de um fólio do referido testamento da distinta senhora. Por fim, apresentamos as conclusões finais a que chegamos e perspectivas futuras de investigação nos referidos testamentos.

2. *Destrinchando o corpus filologicamente*

Sabe-se que a família Fróes da Motta foi muito influente na cidade de Feira de Santana durante, principalmente, as três primeiras décadas do século XX. Assim, por se tratarem de pessoas com um extenso patrimônio

econômico, que versa desde muitos imóveis a títulos de capitalização não é de se admirar que os bens deixados pelos referidos membros dessa família fossem inventariados em muitas páginas de documentos.

Sobre os Fróes da Motta, Reis (2012) afirma que o senhor Agostinho Fróes da Motta adquiriu primeiras núpcias em 1875 com a senhora Maximiana de Almeida Motta, com quem teve 6 filhos, a saber: Albertina, Arthur, Augusto, Amália, Adalgisa e Eduardo, dos quais este último foi o filho que se tornou o representante legal dos bens deixados por seus pais, após as suas respectivas mortes.

Sabe-se também que o patriarca da família foi um grande exportador de fumo, que emprestava dinheiro a juros, que possuía várias casas de aluguel, comércio de gado e ainda atuava como banqueiro, o que favoreceu o crescimento significativo de sua fortuna. Além disso, foi intendente na cidade de Feira de Santana entre 1914 a 1918, período em que construiu escolas na Rua dos Remédios destinadas aos pobres, também participou da comissão que construiu a escola, em 1916, chamada Grupo Escolar Dr. J. J. Seabra, atual Centro Universitário de Cultura e Arte – CUCA. Criou também mais duas escolas em 1917: uma na Rua dos Remédios denominada Escola Municipal, que atualmente chama-se Escola Maria Quitéria e outra situada na Rua Senhor dos Passos, denominada Escola João Florêncio, atual Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

Entretanto, apesar da construção dessas escolas, supõe-se que Agostinho Fróes da Motta possuía "instrução incompleta", pois não há registro documental dizendo onde e nem quando ele recebeu instrução, o que não impossibilitou que os Fróes da Motta se tornassem a família mais afortunada em Feira de Santana nas primeiras décadas do século XX.

Como símbolo de riqueza e luxo, os Fróes da Motta construíram o Casarão Fróes da Motta – denominada vila, um palacete em estilo neoclássico, que funcionou primeiro como residência do coronel Agostinho Fróes da Motta e, depois, de seu filho Eduardo Fróes da Motta. Trata-se de um casarão construído no final do século XIX, sendo reformado pela primeira vez em 1923-1924.

Entretanto, apesar de ser um "homem de negócios", a vida pessoal do Coronel Agostinho Fróes da Motta sempre foi muito agitada, principalmente porque possuía um romance extraconjugal, público e durante muitos anos, com Dona Guilhermina de Almeida, com quem teve um filho ilegítimo, e a qual se tornou a sua segunda esposa, após a morte de Dona Maximiana de Almeida Motta. Além disso, a sua relação com os filhos

variava desde muita empatia, como nos casos dos filhos Arthur, Eduardo, Alberto, Augusto, Albertina e Adalgisa com quem tinha uma extrema relação afetiva à um sentimento de rejeição, como no caso da filha Amália, já que esta foi deserdada em seu testamento por apresentar um comportamento desaprovado pelo pai.

Sobre D. Maximiana de Almeida Motta, sabe-se que era uma mãe amável, esposa dedicada, mas que, à beira da morte, rebela-se contra o seu marido, por este possuir um romance extraconjugal, escancarado socialmente durante muitos anos. Em vista disso, D. Maximiana de Almeida Motta retira o nome de seu marido de seu testamento, deixando os seus bens para o seu filho mais novo, o Dr. Eduardo Fróes da Motta, e para instituições de caridade, como orfanatos, igrejas e asilos, além de favorecer os seus compadres, amigos da família, no seu testamento. Assim, os filhos, os compadres e as instituições públicos tornam-se os seus principais herdeiros, já que a referida senhora possuía uma herança substancial.

Portanto, por se tratar de uma família muito rica, ao todo, estão disponíveis, no CEDOC, 9 testamentos de membros da família Fróes da Motta, como pode ser visualizado na tabela a seguir:

DOCUMENTO	QUANTIDADE DE FÓLIOS	PERÍODO	PARTES INTERESSADAS	LOCALIDADE	LOCALIZAÇÃO NO CEDOC
Processo Cível - Subsérie: Inventário – Tipologia: Testamento	18	1912-1914	José Borges da Motta e dona Anna Victoria Borges	Bonfim de Feira – lavrado em Feira de Santana	Estante 01, Caixa 02 e Documento 17
Processo Cível - Subsérie: Inventário – Tipologia: Testamento	9	1918	Maximiana de Almeida Motta e Eduardo Fróes da Motta	Feira de Santana - lavrado em Feira de Santana	Estante 06, Caixa 166 e Documento 2569
Processo Cível - Subsérie: Inventário – Tipologia: Testamento	9	1922	Agostinho Fróes da Motta Eduardo Fróes da Motta	Feira de Santana - lavrado em Feira de Santana	Estante 06, Caixa 166 e Documento 2573
Processo Cível - Subsérie: Inventário – Tipologia: Volumes I, II, III e IV do Inventário de Agostinho Fróes da Motta	Volume I: 164 Volume II: 216 Volume III: 172 Volume IV: 219 TOTAL: 771	1922-1925	Agostinho Fróes da Motta Eduardo Fróes da Motta	Feira de Santana - lavrado em Feira de Santana	Estante 06, Caixa 175 e Documento 2887
Processo Cível - Subsérie: Inventário – Tipologia: Testamento	26	1933	Anna Victoria Motta e Luiz José de Mello	Localidade de Almas – lavrado em Feira de Santana	Estante 05, Caixa 123 e Documento 1669

Processo Cível - Subsérie: Inventário – Tipologia: Testamento	5	1933	Anna Victoria Motta e Luiz José de Mello	Localidade de Almas – lavrado em Feira de Santana	Estante 06, Caixa 169 e Documento 2670
Processo Cível - Subsérie: Inventário – Tipologia: Testamento	12	1940-1943	Albertina de Almeida Motta e Arthur Fróes da Motta	Feira de Santana - lavrado em Feira de Santana	Estante 06, Caixa 171 e Documento 2716
Processo Cível - Subsérie: Inventário – Tipologia: Testamento	326	1951-1959	Arthur Fróes da Motta e Francelina Carneiro da Motta	Feira de Santana - lavrado em Feira de Santana	Estante 03, Caixa 78 e Documento 945
Processo Cível - Subsérie: Inventário – Tipologia: Testamento	6	1951	Arthur Fróes da Motta e Francelina Carneiro da Motta	Feira de Santana - lavrado em Feira de Santana	Estante 06, Caixa 166 e Documento 2571

Tabela 1: Lista de inventários da família Fróes da Motta, disponíveis no CEDOC/ UEFS

Como se pode identificar na tabela apresentada, há vários inventários pertencentes à família Fróes da Motta. O primeiro deles se trata do testamento do senhor José Borges da Motta, provavelmente o pai do coronel Agostinho Fróes da Motta, lavrado entre 1912 a 1914 com 18 fólios escritos no recto e verso, o qual apresenta a maioria dos fólios bem conservados. O segundo testamento, de 18 fólios escritos no recto e verso, de 1918, é o de Dona Maximiana de Almeida Motta, primeira esposa do coronel Agostinho Fróes da Motta e mãe de seus 6 filhos. É importante ressaltar que este documento se encontra em bom estado de conservação.

O terceiro e o quarto documentos são o inventário do coronel Agostinho Fróes da Motta, sendo que o terceiro, com apenas 9 fólios, foi escrito ainda em vida do inventariado e o outro, após a sua morte, tendo como inventariante o seu filho caçula, o Dr. Eduardo Fróes da Motta. O quarto inventário possui um total de 771 fólios escritos no recto e verso, subdividido em 4 volumes com quantidades de fólios distintas, visto que o primeiro volume possui 164 fólios, o segundo 216, o terceiro 172 e o quarto 219. O quinto e o sexto testamentos são de Dona Anna Victoria Motta e do senhor José Luiz de Mello, lavrados em 1933, sendo o primeiro escrito em 26 fólios e o segundo em 5.

O sétimo testamento pertence a dois dos filhos do coronel Agostinho Fróes da Motta com Dona Maximiana de Almeida Motta: Albertina de Almeida Motta – inventariada - e Arthur Fróes da Motta - inventariante, lavrado entre 1940 a 1943 e escrito em 12 fólios escritos no recto e no verso. Os dois últimos e mais recentes inventários são do filho farmacêutico do coronel Agostinho Fróes da Motta, Arthur Fróes da Motta – inventariado – e de sua esposa Francelina Carneiro da Motta – inventariante, escritos entre 1951 a 1959 com 326 fólios o primeiro e 6 o segundo.

Para finalizar esta sessão, há de se ressaltar que os documentos, aqui apresentados, estão em razoável estado de conservação, já que há alguns deles que estão muito bem conservados e outros com alguns fólios já bastante deteriorados. Também há documentos que apresentam algumas manchas, borrões, muitos selos, carimbos, rasgados, alguns fólios datiloscritos, muitos formulários impressos, preenchidos manualmente e que foram inseridos dentro dos documentos, etc. Entretanto, neste trabalho, apresentaremos nas sessões seguintes os critérios e as edições filológicas apenas do primeiro fólio do testamento de Dona Maximiana de Almeida Motta, por se tratar de um documento pertencente à matriarca da família e, em outra ocasião, apresentaremos o do patriarca, o Coronel Agostino Fróes da Motta e os de seus filhos.

2.1. Critérios adotados para a descrição e a transcrição do *corpus*

A fim de facilitar a leitura do referido documento, elencamos os seguintes critérios para a descrição e transcrição, baseados em Queiroz (2007):

Para a descrição, verificamos:

a) Número de colunas;

b) Número de linhas da mancha escrita;

c) Existência de ornamentos;

d) Maiúsculas mais interessantes;

e) Existências de sinais especiais;

f) Número de abreviaturas;

g) Tipo de escrita;

h) Tipo de papel.

Na transcrição, decidimos:

a) Respeitar fielmente o texto: grafia, linhas, fólios etc.;

b) Fazer remissão ao número do fólio no ângulo superior direito;

c) Numerar o texto linha por linha, constando a numeração de cinco em cinco;

d) Separar as palavras unidas e unir as separadas;

e) Desdobrar as abreviaturas usando itálico;

f) Utilizar colchetes para as interpolações: [ ];

g) Indicar as rasuras, acréscimos e supressões através dos seguintes operadores:

((†)) rasura ilegível;

[†] escrito não identificado;

(...) leitura impossível por dano do suporte;

/ / leitura conjecturada;

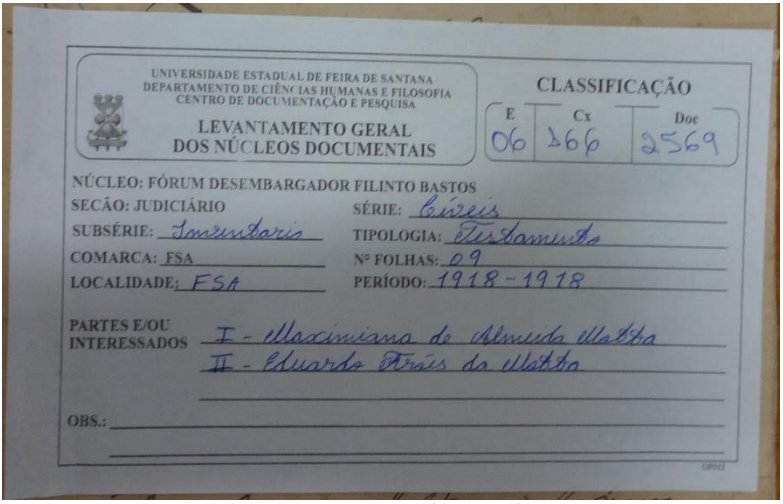
< > supressão;

( ) rasura ou mancha;

[ ] acréscimo.

2.2. Descrição do testamento de D. Maximiana de Almeida Motta

O testamento de D. Maximiana de Almeida Motta é um documento escrito em tinta preta, em papel almaço, letra cursiva, em 9 fólios escritos no recto e no verso, lavrado na cidade de Feira de Santana em 1918. O manuscrito apresenta uma ficha catalográfica, como pode ser observada a seguir (figura 1), inserida pelos estagiários do CEDOC/ UEFS no primeiro fólio do documento, a fim de facilitar a catalogação e localização do referido testamento em uma das caixa-arquivo do acervo. Também há um carimbo na parte superior direita e uma datação (1918) rasurada em tinta azul na margem superior esquerda, ambos no fólio 1r (figura 2). Há também assinaturas do Dr. João Carneiro Vital, tabelião da Comarca de Feira de Santana, ao longo do documento, como pode ser verificado na figura 3. Além disso, observa-se a existência de uma seta vertical feita pelo tabelião, no fólio 4r, como exposta na figura 4. No fólio 5v, há um trecho do texto escrito de cabeça para baixo e também manchas ocasionadas pela aplicação de um carimbo, como podem ser constatados na figura 5. Por fim, há também um formulário preenchido, que se encontra dentro do documento (figura 6).


UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA

LEVANTAMENTO GERAL
DOS NÚCLEOS DOCUMENTAIS

CLASSIFICAÇÃO

E	Cx	Doc
06	366	2569

NÚCLEO: FÓRUM DESEMBARGADOR FILINTO BASTOS
SECÃO: JUDICIÁRIO — SÉRIE: Cíveis
SUBSÉRIE: Inventários — TIPOLOGIA: Testamento
COMARCA: FSA — Nº FOLHAS: 09
LOCALIDADE: FSA — PERÍODO: 1918 - 1918

PARTES E/OU INTERESSADOS
I - Maximiano de Almeida Matta
II - Eduardo Brás da Matta

OBS.:

Figura 1: Ficha catalográfica no fólio 1r.
Fonte: CEDOC/ UEFS. Fotografia: Josenilce Rodrigues de O. Barreto

Figura 2: Existência de um carimbo e de uma datação rasurada.
Fonte: CEDOC/ UEFS. Fotografia: Josenilce Rodrigues de O. Barreto

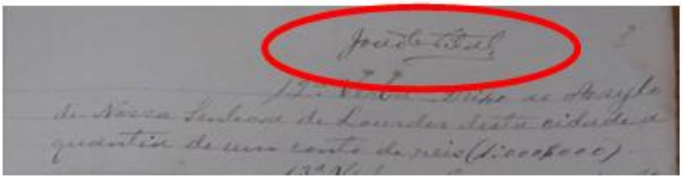


Figura 3: Assinatura do Dr. João Carneiro Vital.
Fonte: CEDOC/ UEFS. Fotografia: Josenilce Rodrigues de O. Barreto

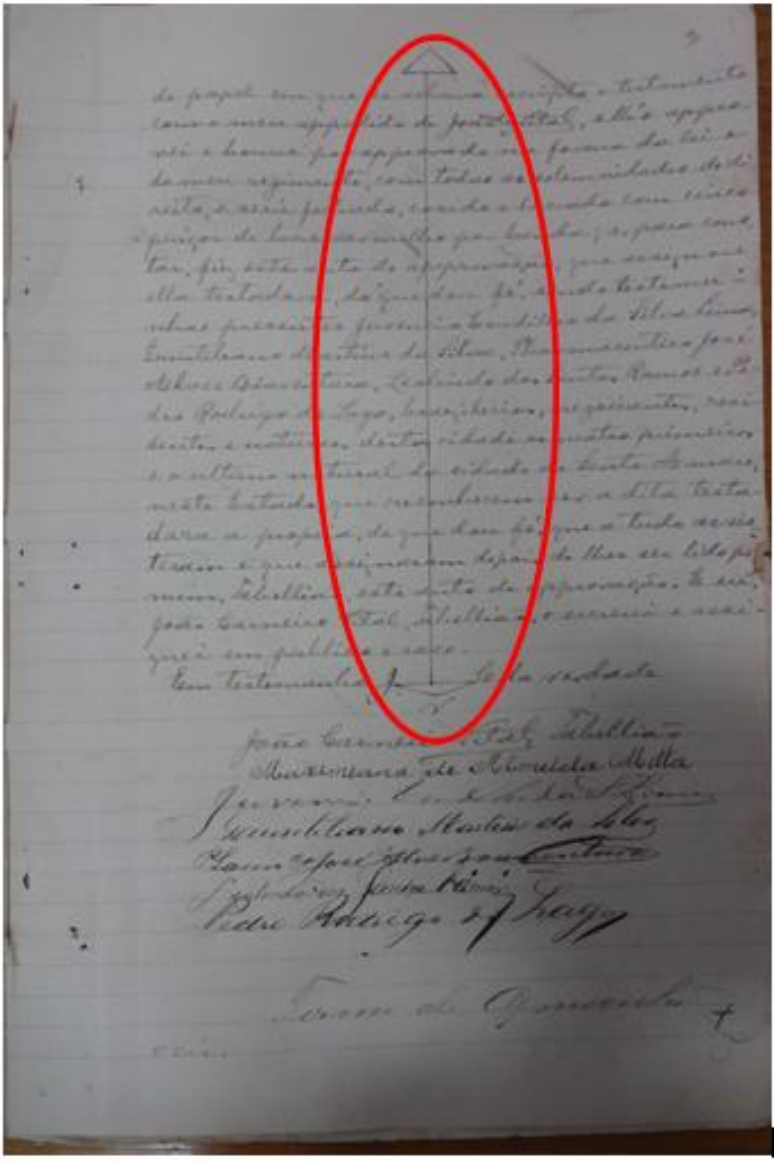


Figura 4: Seta vertical feita pelo Dr. João Carneiro Vital.
Fonte: CEDOC/ UEFS. Fotografia: Josenilce Rodrigues de O. Barreto

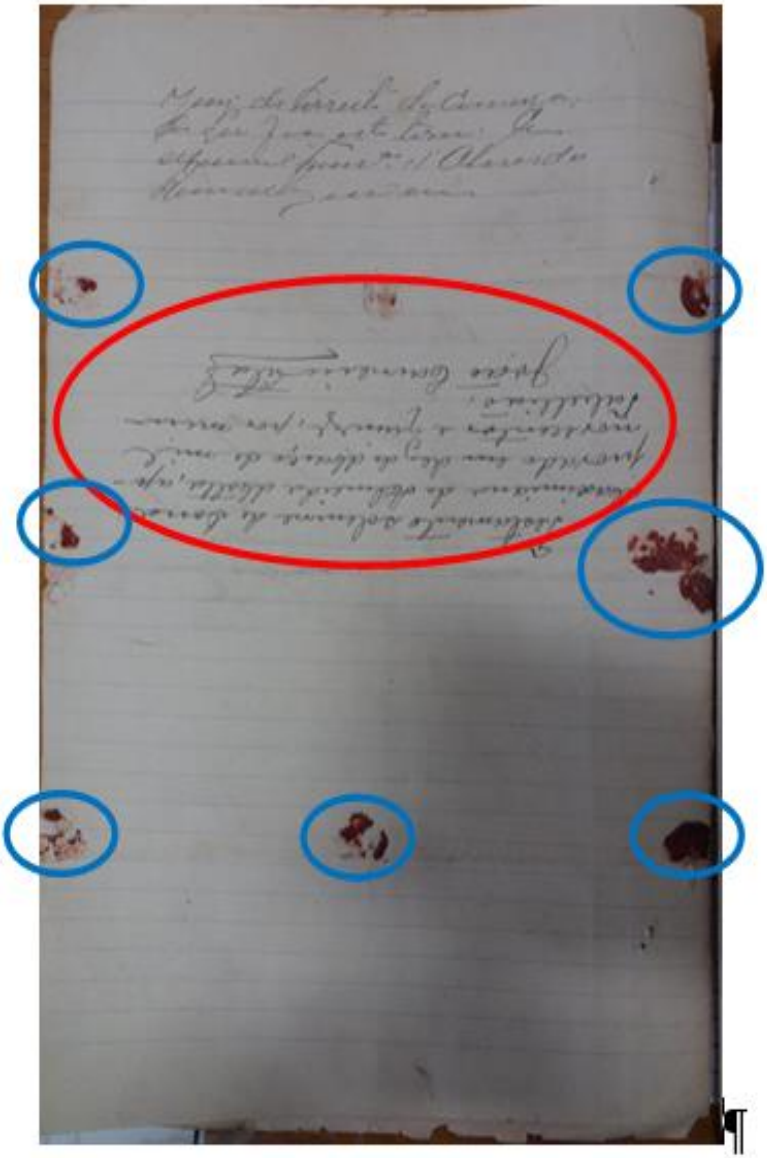
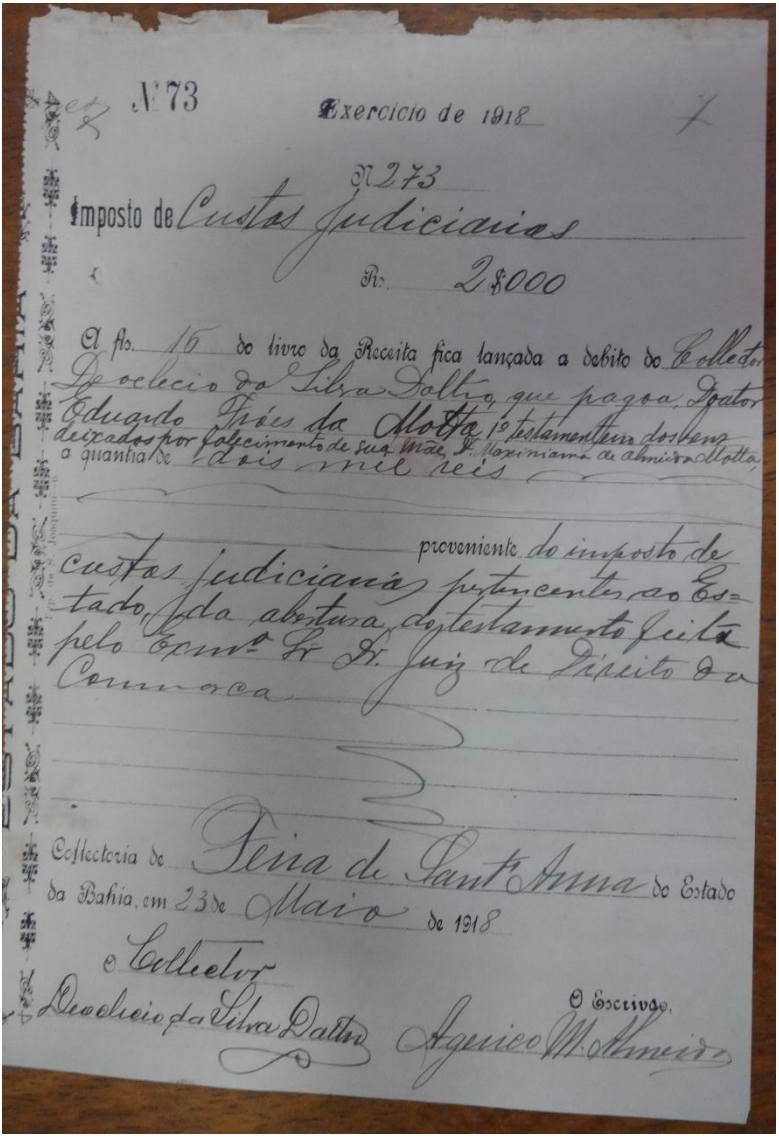


Figura 5: Trecho escrito de cabeça para baixo, em vermelho, e manchas ocasionadas pela aplicação de carimbo, em azul. Fonte: CEDOC/ UEFS. Fotografia: Josenilce Rodrigues de O. Barreto



N. 73 Exercicio de 1918

N. 273

Imposto de Custas Judiciarias

R. 2$000

A fls. 16 do livro da Receita fica lançada a debito do Collector Deoclecio da Silva Dalto, que pagou, Senator Eduardo Paes da Motta, 1º testamenteiro dos bens deixados por falecimento de sua mãe, D. Maximiana de Almeida Motta, a quantia de dois mil reis

proveniente do imposto de custas judiciarias pertencentes ao Estado, da abertura do testamento feita pelo Exmo. Sr. D. Juiz de Direito da Comarca

Collectoria de Feira de Sant'Anna do Estado da Bahia, em 23 de Maio de 1918

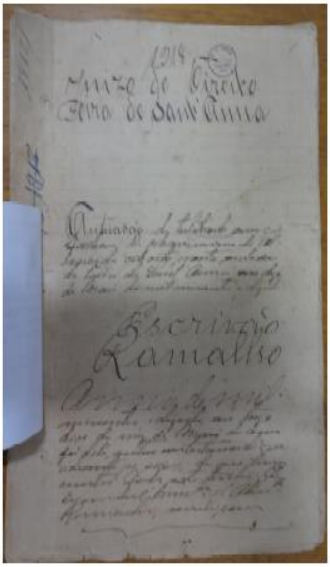
O Collector
Deoclecio da Silva Dalto

O Escrivão,
Agenico M. Almeida

Figura 6: Formulário preenchido.
Fonte: CEDOC/ UEFS. Fotografia: Josenilce Rodrigues de O. Barreto

2.3. As edições fac-similar e semidiplomática do testamento de Dona Maximiana de Almeida Motta

2.3.1. Edições fac-similar e semidiplomática do fólio 1r do testamento de Dona Maximiana de Almeida Motta



1918 f. 1r
JUIZO DE DIREITO
FEIRA DE SANT'ANNA

Autuação du [...] com que
falleceu D*ona* Maximiana de Al-
meida Motta, nesta cidade
da Feira de Sant'Anna aos doze
de Maio de mil novecentos e dezoito.

ESCRIVÃO
RAMALHO

ANNO DE MIL
novecentos e dezoito, aos treze
dias do mez de Maio do anno
foi dito, autuo em testamento que
adiante se segue; do que [...]
[...] faço este termo. Eu,
Manuel Francisco d'Almeida
Ramalho, escrivão escrevi

3. Considerações finais

Incontestavelmente, entende-se que todo texto escrito carrega consigo informações, objetivos e contextos específicos relacionados à sua produção. Logo, não é de se admirar que, do ponto de vista social, as sociedades sejam induzidas a produzir, a todo momento, textos que sejam meios de veiculação e perpetuação de informações além-tempo. Sendo assim, quando nos debruçamos sobre uma gama enorme de documentação armazenada em arquivos públicos, acabamos nos deparando com os mais variados gêneros textuais, assuntos e fontes de pesquisa sobre a nossa própria história, o que nos leva a conhecer, a contar e a preservar, através do labor filológico, tal documentação. A partir disso, surge a Filologia como a ciência que examina minuciosamente o texto escrito.

Entretanto, apesar de se tratar de um trabalho em fase inicial, já que apenas fizemos um levantamento dos testamentos da família Fróes da

Motta constantes no CEDOC/ UEFS, já pode-se notar que, através das edições fac-similar e semidiplomática de um dos documentos apresentados neste trabalho, poderemos conhecer informações importantes sobre a cidade de Feira de Santana no início do século XX, sobre as relações familiares da Família Fróes da Motta, sobre a língua portuguesa no período em que tais textos foram escritos, levantar os aspectos paleográficos e codicológicos, etc., o que ratifica o labor filológico como uma atividade extremamente importante para a preservação do patrimônio histórico-linguístico-cultural presente nos manuscritos, especialmente os do Sertão baiano.

Portanto, longe de serem considerações finais, este texto nos aponta o quão ricos de informações são os testamentos acerca dos bens e da vida dos Fróes da Motta, mas, principalmente, dá-nos indícios das inúmeras possibilidades de estudo a partir daqueles, já que o texto escrito é um verdadeiro manancial de informações importantes sobre determinada época, sociedades, culturas e línguas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. Introdução metodológica. In: ___. (Org.). *Documentos do acervo de Monsenhor Galvão*: edição semidiplomática. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2007, p. 23-34.

REIS, Wagner Alves. *Agostinho Fróes da Motta: trajetórias e conquistas de um "homem de cor" em Feira de Santana (1856-1922).* 2012. Dissertação (Mestrado em História). – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

TRAÇOS DA CIDADE DO SALVADOR EM MANUSCRITOS QUINHENTISTAS

Maria das Graças Telles Sobral (UFBA/Cidade)
sobralmg2@gmail.com

RESUMO

Preservar documentos escritos é preservar a memória de um povo. Na perspectiva de resgate, recuperação, conservação de documentos que trazem informações sobre a formação e desenvolvimento da sociedade baiana, fez-se um recorte dos documentos do *Livro Velho do Tombo*, pertencente ao acervo do Mosteiro de São Bento da Bahia, datados originalmente do século XVI, para a realização de uma edição semidiplomática. O conjunto de manuscritos do século XVI, de teor jurídico, traz à baila referências sociais, culturais, geográficas, históricas e políticas, possibilitando o acesso a fatos históricos, disponibilizando aos linguistas um texto com as suas características textuais originais, para diversos estudos sobre a língua como também evita o desgaste ocasionado pelo manuseio do texto original.

Palavras-chave: Cidade de Salvador. Manuscritos. Memória. Edição semidiplomática.

O Mosteiro de São Bento da Bahia é detentor de um acervo que possui documentos de valor inestimável que contam a história da Bahia, de um período de cerca de 300 anos, relativos aos séculos XVI, XVII, XVIII. Nesse acervo encontra-se a coleção dos *Livros do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia* que teve o reconhecimento no Registro Nacional do Brasil do Programa Memória do Mundo da UNESCO em 17 de outubro de 2012.

A coleção completa dos *Livros do Tombo*, segundo Andrade (2012, p. 12), "é composta por, pelo menos seis livros [...]", dentre eles está o *Livro Velho do Tombo* que contém os registros do patrimônio material dos monges beneditinos, datados de 1568 a 1716, trasladados no século XVIII. O *Livro Velho do Tombo* foi criado com a finalidade de conservar os registros do patrimônio material dos Mosteiro de São Bento da Bahia, como se pode constatar no pedido feito pelo Abade do Mosteiro, **Fig. 1**, transcrito pelo escrivão Lourenço Barbosa.

O conjunto de manuscritos editados abrange o período de 1568 a 1596, é composto por 11 documentos, perfazendo um total de 37 fólios. São documentos notariais, caracterizados por Belloto (2002, p. 13) como "[...] documentos que, emanados das autoridades supremas, delegadas ou legitimadoras (como é o caso dos notários), são submetidos, para efeito de